

## VISÃO DO CORREIO

## Fernando Henrique na Europa

**E**m viagem de uma semana à Europa, Fernando Henrique Cardoso tem reafirmado a posição do Brasil a respeito da necessidade de desenvolver nova ordem global. Abrindo a Conferência de Madri sobre Transição e Consolidação Democráticas, promovida pela Fundação Gorbachev, o presidente frisou a urgência de rever a distribuição de poder — único caminho para aumentar a igualdade e diminuir a pobreza.

Falando de improviso, Fernando Henrique revelou-se o porta-voz dos governantes dos países em desenvolvimento. Deixou de lado a timidez do Itamaraty, que situa o Brasil em posição ambígua — o rico entre os pobres e o pobre entre os ricos. E elevou a voz em nome de uma ordem internacional mais justa.

Condenou a globalização assimétrica, sem homogeneidade e socialmente injusta. O crescimento econômico, desequilibrado, concentra a renda mundial e exacerba os bolsões de pobreza. Em outras palavras: os ricos estão mais ricos; os pobres, mais pobres.

Essa realidade torna a mundialização das economias — aplaudida há poucos anos como a redenção das nações emergentes — às vezes temida, não raro odiada. A globalização tornou-se sinônimo de exclusão, desemprego e perda de autonomia. Há necessidade, frisou o presidente, de corri-

gir rumos. A solidariedade impõe, como realçou o presidente, instituições mais abertas e democráticas, em que os emergentes tenham voz mais ativa.

Fernando Henrique condenou o terrorismo. Defendeu as liberdades individuais e a imprensa livre. Lembrou que a “democracia, em certo sentido, é o outro nome da paz”. Apoiou a criação do Estado Palestino, baseado na autodeterminação do povo palestino e no respeito à existência do Estado de Israel. A ONU tem papel preponderante no cenário conturbado do século 21. Daí a necessidade de reforçar a instituição.

Da Espanha, Fernando Henrique partiu para a Inglaterra. Mudou a agenda para aceitar o convite do primeiro-ministro britânico, Tony Blair, a fim de hospedar-se, por uma noite, na casa de campo do premiê e encontrar-se com o ex-presidente americano Bill Clinton. Ontem, no encerramento da viagem, discursou na Assembléia Nacional Francesa. Foi o primeiro presidente brasileiro a fazê-lo.

O circuito político que o presidente empreende agora na Europa parece ser o reinício de uma ação diplomática de grande envergadura. A pauta a ser seguida não compreende apenas a exposição dos interesses brasileiros nos centros de maior poder decisivo. Mas a atuação de um país que deve, por seu potencial econômico e tradição diplomática, assumir posição coerente nos foros internacionais.